

Haydu, Verônica Bender. Verdade, confiança e intimidade. **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1183, p. 7, ago. 2005.

Verdade, confiança e intimidade

No meu artigo anterior (Edição nº 1182 do Tribuna do Vale do Paranapanema) apresentei uma breve descrição do que é e como se forma a intimidade, e comentei sobre o fato de que a vulnerabilidade das pessoas nos seus relacionamentos é o veículo para o desenvolvimento desta forma de interação, tão importante para o que chamamos relacionamento de amor.

Retomando brevemente o que apresentei, eu diria que as pessoas tornam-se íntimas quando seus fracassos, seus erros, seus segredos, seus sucessos, suas angústias e outras emoções puderem ser compartilhadas. Isto acontece quando um conta ao outro suas experiências, mesmo correndo o risco destes relatos serem criticados ou de suas atitudes serem reprovadas (punidas) ou, por outro lado, destes serem seguidos por palavras de consolo, aceitação e aprovação. Ou seja, criar oportunidade para o nosso companheiro ou companheira contar o que lhe aconteceu e o que sentiu em determinadas situações de conflito e de enfrentamento de dificuldades, é uma boa maneira para criar intimidade.

Um aspecto fundamental, para que a intimidade possa ser mantida, é que ao compartilhar experiências ou emoções vivenciadas seja contada a verdade. Para que relatos verdadeiros ocorram, eles não podem ser criticados o tempo todo, pois contar a verdade ou dizer mentira são comportamentos aprendidos e mantidos ou eliminados pelas conseqüências que produzem. Ninguém nasce mentiroso. A mentira pode ser aprendida desde muito cedo, na infância, e a este assunto voltarei em um artigo posterior.

Neste momento, vou recorrer mais uma vez aos personagens fictícios que citei no artigo anterior, Mauro e Maria, que acabaram de se conhecer. Mauro conseguiu atenção de Maria, ao relatar uma experiência ruim em seu novo trabalho. Em vez de contar algo que foi desagradável, ele poderia ter inventado um incidente em que ele se saiu muito bem. Este seria um exemplo de uma mentira bastante comum em situações de conquista amorosa.

Por que Mauro mentiria para Maria, se eles acabaram de se conhecer? Existem muitos motivos para a mentira, os mais comuns são para: 1. evitar sentimentos de embaraço, de vergonha e de autodepreciação; 2. evitar críticas ou punições; 3. obter vantagem sobre alguém; 4. proteger outras pessoas; 5. manejar interações sociais, como falsos elogios. Estas são razões

comuns para as mentiras do dia-a-dia e não para as mentiras sérias como as de infidelidade, de roubo, de falso testemunho, etc.

Se Mauro tivesse mentido para Maria, por exemplo, para causar uma boa impressão, e Maria “ficasse impressionada”, é bem provável que ele viesse a contar outras mentiras para manter o efeito inicial. De mentira em mentira, Mauro acabaria inventando uma pessoa que não existe e, se Maria não percebesse que Mauro mente, ela poderia se apaixonar por este personagem. Neste caso, ela não estaria amando Mauro, mas alguém inexistente. Por outro lado, Maria, provavelmente, acabaria percebendo que ele mente, pois sustentar mentiras é algo bastante difícil. Tem-se que prestar muita atenção no que se diz, o tempo todo, para não se contradizer.

Em qualquer um dos casos, ou seja, Maria percebendo ou não que Mauro mente, não haverá condições para o desenvolvimento de intimidade, pois, para que isto aconteça, ambos devem ser vulneráveis. Ao mentir, Mauro estará se protegendo das críticas e não estará sendo vulnerável. Ele não sentirá conforto, prazer, tranquilidade quando estiver com ela. Ele, próprio, não sentirá confiança e, certamente, não haverá a cumplicidade, um outro aspecto fundamental nas relações de amor.

Acho que a frase de Gabriel Garcia Marques, que cito a seguir, dá uma idéia do conforto que a intimidade produz.

“Quero-te não por quem tu és, mas por quem sou quando estou contigo.”

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo